

The screenshot shows the top of the VISÃO website. The header includes the logo, navigation menu (Início, Notícias, Solidária, Opinião, Verde, VISÃO7, Viagens, JL, Bairro Melhor, Blogs, Júnior, Assine, LOJA VISÃO), and a search bar. The article title is "Férias grandes... de mais?". The text discusses the Ministry of Education's decision to extend summer holidays. A sidebar on the right features a "Simule o seu Crédito Automóvel" advertisement with a slider for 2500€ and 24 months, and a "Pedir crédito" button. Below the article, there are social media sharing options (Share, Tweet, Like) and a list of comments.

<http://visao.sapo.pt/ferias-grandes-de-mais=f825135>

## Férias grandes... de mais?

11-07-2015

O Ministério da Educação esticou o verão, deixando os alunos mais uma semana em casa. Até 21 de setembro, os miúdos terão 14 semanas de descanso. Bem precisam, defendem uns. Mas há que os ocupar, ripostam outros. Viagem a este tempo em suspenso que, para algumas famílias, parece infinito.

Uma casa numa árvore é o sonho de qualquer criança e mais ainda em tempo de férias - e esta também faz (ou melhor fez, que eles já mal cabem lá dentro!) a delícia dos netos de Margarida Machado. Duarte, 17 anos, os gémeos Francisco e Carlota, 11, seus irmãos, e o primo João, também de 11, desde pequeninos que adoram ir para casa dos avós, na Amoreira, em Cascais. Ali têm ainda um cão para brincar e, quando faz muito calor, podem sempre tomar banho de mangueira. Férias grandes demais? "Nem por isso, assim são boas", responde Carlota, de imediato.

A alegria de os ter por perto é mais do que recíproca: afinal, cuidar de crianças em casa fez sempre parte da vida da avó Margarida, 71 anos. "E quem o faz por gosto não cansa", defende, sem esconder que compreende bem a dificuldade em ocupar miúdos durante tanto tempo: "Quem não tem uma avó disponível, como eu, deve ter momentos muito complicados."

É exatamente desta ginástica de que se fala quando se menciona o outro lado das férias grandes: atente-se o caso de Margarida Gomes e do marido, ela assistente de bordo, ele piloto. Não voam juntos para deixarem o menos possível os dois filhos sem os pais em casa, obrigando-se para isso a uma logística que inclui todos os dias a ajuda de uma baby-sitter e do avô materno - e que também mantém por perto os tios e alguns amigos mais próximos. Se os horários pré-combinados já são essenciais durante o ano letivo, é nas férias grandes que se tornam imprescindíveis. E agora, com a chegada de julho, começou também a sua roda-viva da ocupação.

A organização em pessoa, Margarida Gomes planeia tudo com o máximo de antecedência. As inscrições para a colónia organizada pela autarquia de Oeiras são logo feitas em março: afinal, os 75 euros desta semana de "Mexe-te nas Férias" são "um achado". Sempre atenta ao que circula no Facebook, Margarida descobriu ainda uma nova atividade desportiva em Paço de Arcos, por 89 euros, com basquetebol, surf, skate, futebol, escalada e idas à praia, para ocupar Lourenço nas mesmas datas que Francisca. Como os sobrinhos vão para as mesmas atividades, assim já se facilita a vida do avô, a quem recorrem todos na recolha e entrega diária das crianças. Só que, como as colónias não são eternas, daqui a quinze dias começará outra atividade de dança para Francisca, onde paga 60 euros só pelas tardes. Lourenço pondera ir para a Aldeia Hípica Fonte Caspolina, uma atividade paga ao dia. A 20 de julho, ambos estarão na vela, na Doca de Alcântara, uma semana que custou 250 euros.

Com o início do ano letivo anunciado para 21 de setembro (o Ministério da Educação decidiu acrescentar mais uma semana às férias), Margarida já pensa que talvez este mês não seja o problema maior. "Tenho de encontrar também soluções para setembro..." E se até agora já gastou 474 euros, questiona-se quando mais será preciso investir.

Num país que já tem uma das pausas escolares mais longas da Europa (ver infografia), a verdade é que há dez anos que as férias de verão não eram tão grandes. Serão grandes demais?

Uma revolução a pedido

"As escolas não são depósitos de crianças" foi a tese que vingou durante muitos anos - e isso nem se questionava no tempo em que havia avós (livres!) por perto, a vizinhança era nossa amiga e tinha filhos pelas idades dos nossos e no bairro podia brincar-se na rua e... bom, toda a gente se conhecia. No dia a dia do século XXI, em que pai e mãe trabalham fora (e muitas horas), em que nem sempre há super-avós por perto, ou disponíveis a cem por cento, e em que não se estreitam grandes amizades com os vizinhos, mal se aproximam as pausas escolares anda tudo numa correria para ocupar os tempos livres dos filhos. As dúvidas não se fazem esperar: Se a escola é o espaço mais agregador que os mais novos conhecem, não poderia dar essa resposta? Pergunta número 2: E será que devia?

Foi a pensar nisso que, há dias, se falou numa verdadeira revolução. Tudo começou quando o Conselho de Escolas recomendou umas "férias de outono": uma pausa a meio do primeiro período, à semelhança do que acontece em outros países, para que as escolas possam avaliar o trabalho realizado e planear atividades de apoio aos alunos com mais dificuldades.

A Confederação das Associações de Pais (Confap) não perdeu tempo e aproveitou o pretexto para dizer que o que faz falta é uma mudança radical nos tempos das escolas - começando com apenas um mês de férias no verão. Jorge Ascensão, o presidente da Confap, criticou mesmo as pausas avulso e defendeu que as aulas deveriam começar no início de setembro e terminar apenas no final de julho. "Começo a recear que as escolas tenham mais pausas do que aulas. Toda a gente se queixa de que os programas são extensos e os alunos não têm tempo para aprender e tirar dúvidas. É preciso tempo", sublinha. O representante da maior confederação de pais insiste ainda que a recomendação do Conselho de Escolas é redutora: "Há muito mais a mudar na educação", apontando, por exemplo, que os miúdos podem estar na escola sem atividade letiva. "Houve uma revolução na sociedade mas não na escola, que continua centrada na sala de aula, no quadro preto do professor e nas secretárias alinhadas", criticou.

Para a outra confederação das associações de pais, a Cnipe, o risco maior desta discussão é os alunos estarem tempo demais na escola. "Parece-nos que encurtar o tempo de férias acabaria por ser contraproducente", sublinhando que crianças e jovens precisam de tempo para crescer. "Não queremos criar robôs. Queremos cidadãos completos e as crianças precisam de espaço para socializar em vez de estarem na escola das oito da manhã às seis da tarde e ainda levarem trabalhos para fazerem em casa", salienta, receando que filhos cada vez mais ocupados se tornem demasiado competitivos e isso ponha em causa a entreaajuda entre colegas.

#### De portas abertas

Eis que o Ministério da Educação decidiu baralhar e voltar a dar nesta discussão sobre o tempo das férias e, pelo menos este verão, acrescentou-lhes mais uma semana. As razões? Equilibrar a duração dos três períodos de aulas, salientou o gabinete do ministro da Educação, Nuno Crato, em comunicado enviado às redações. As teorias da conspiração não tardaram: seria a forma de dar mais tempo às escolas para terem todos os professores colocados, evitando assim que qualquer problema afete em demasia a campanha as eleições.

Filinto Lima, da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas, é o primeiro a refutar que este adiamento se deva a uma necessidade das escolas: "Depois das colocações dos professores, nós precisamos de apenas uma a duas semanas para ter tudo pronto", insiste, compreendendo que a decisão traga prejuízo aos pais, que vão ter os filhos a cargo o dia todo, durante mais uma semana. "E podíamos ter as portas abertas. Basta haver vontade política", sublinha, antes de revelar o (bom) exemplo da autarquia de Vila Nova de Gaia: 4 mil crianças vão participar nas atividades recreativas na escola, fora dos tempos letivos, durante todo o verão. "A escola tem de passar a ser uma instituição de portas abertas, com uma componente lúdica e socializadora", salienta.

E há mais quem veja na escola esta potencialidade agregadora. Veja-se o exemplo da Associação de Pais do Externato Fernão Mendes Pinto, em Lisboa. A braços com os miúdos em casa, na pausa do Natal passado, propuseram-se usar o espaço da escola para os ocuparem e agora não querem outra coisa. Contam com as auxiliares educativas, mas também com o voluntarismo de alguns dos pais, o que ajuda a diminuir o valor a pagar por estas atividades. "Sou investigadora na área das neurociências, por isso organizei um workshop ligado às ciências", conta Joana

Coelho, 41 anos, presidente daquela associação de pais. "Cada um socorre-se de algo que saiba fazer e, numa manhã ou tarde, dá o seu contributo."

Em geral, os miúdos adoram, já que assim têm a companhia dos amigos. Mas há também quem se queixe, confessa Joana: "Acabam por passar as férias na escola."

Este é o ponto que os especialistas mais apontam, para que não seja esquecido, no meio desta loucura de encontrar ocupação para os mais novos: os alunos portugueses já são dos que têm mais carga horária, por comparação com os seus pares europeus (ver infografia). Vivem, como assinalava há já 10 anos o Sindicato das Crianças, uma jornada contínua, quase de sol a sol. "Se os adultos tivessem tido infâncias mais felizes, talvez se lembrassem mais vezes das crianças e se colocassem mais facilmente no lugar delas." Foi assim que o psicólogo Eduardo Sá apresentou a iniciativa, em 2005, alertando para o facto de "as crianças serem cada vez mais jovens tecnocratas de fraldas e mochila".

Brincar, precisa-se

Hoje, brincar continua a ser uma preocupação, alerta José Morgado, professor de Psicologia da Educação do Instituto Superior de Psicologia de Educação. "O problema não é a duração das férias. Os nossos miúdos até têm mais aulas do que muitos outros. O problema é faltar uma resposta adequada da comunidade para este período", diz, acrescentando que não o incomoda nada que possam decorrer iniciativas na escola, desde que não sejam escolares. "Acaba muitas vezes por acontecer os miúdos terem uma imensa panóplia de atividades neste período. E eles também precisam de outras rotinas, de brincar, de serem crianças por um bocadinho", apela o professor do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, criticando também as tais "crianças-?-agenda", que mesmo nas férias continuam com uma sequência organizada de horários e afazeres. "Brincar é a atividade mais importante que as crianças fazem", defende.

Veja-se que nada disto anula outros dados da ciência, como o de que o cérebro não precisa de muito mais descanso para lá do sono regular. "O desenvolvimento cerebral desenrola-se conforme os estímulos que recebe", confirma Tiago Reis Marques, psiquiatra e investigador do Instituto de Psiquiatria do Kings College de Londres, além de dar consultas no Centro Cirúrgico de Coimbra e ter sido, recentemente,

distinguido pelos seus pares como o Melhor Jovem Investigador, na área de esquizofrenia. "A adolescência é, ainda por cima, o período com mais potencialidade para se desenvolver. Não faz muito sentido que fique quieto", acrescenta, a lembrar os resultados do famoso estudo que analisou o desempenho de jovens, uns de famílias desfavorecidas, outros de meio social economicamente superior. "No final do verão, os primeiros tinham desenvolvido muito menos sinapses do que os segundos, pela simples razão de serem expostos a menos estímulos."

Mas Tiago Reis Marques também reconhece que estimular tanto pode ser ter livros para ler como ir à praia. "A mensagem não é 'se não os pusermos em atividades estamos a condená-los ao insucesso'. A mensagem é que continuemos a alimentá-los de coisas, mesmo as mais simples", aponta, concordando também que há perigos na sobrestimulação. "Quando se trata de crianças, a primeira regra é sempre a do bom senso." E aqui estão todos de acordo. Ou como diz José Morgado: "Era bom que as férias fossem isso mesmo: férias!"

Ivone Silva compreende perfeitamente do que falam: afinal, é sempre um alívio quando acaba o ano letivo. Por esta altura, ela própria também já está saturada da rotina dos trabalhos de casa e de estudar para os testes com os três filhos. "É o momento em que desaceleramos e terminam as suas atividades extracurriculares." Habituada a levar os filhos André, Tiago e João, de 5, 6 e 10 anos, de manhã à escola, a advogada que trabalha numa empresa de tecnologias de informação até tem flexibilidade para sair às cinco da tarde, mesmo que depois, se for necessário, tenha de trabalhar pela noite dentro. Ainda assim, nada tão flexível como nos países nórdicos. "Não tenho dúvidas de que é o modelo ideal. Os miúdos têm seis semanas de aulas, seguidas de quinze dias de férias. Assim, os meses de férias grandes são repartidos ao longo do ano", descreve, salientando que nem eles ficam tão cansados nem os pais andam nesta correria durante o verão todo. Desde que as aulas terminaram, André, Tiago e João já foram uma semana de férias para o Algarve com o pai, passaram outra semana em casa com o apoio dos avós e esta semana começaram a frequentar a colónia organizada pela Associação de Pais da Escola Básica Gomes Freire de Andrade, que os mais velhos frequentam - e que só existe graças ao tempo livre despendido pelos progenitores, cobrindo toda a mancha horária fora do ano letivo com idas ao Oceanário ou à Quinta do Piruçás, com workshops de culinária pelo meio, qualquer coisa como 30 euros por semana por cada um, mais o valor do almoço. André, o mais novo, também vai para a colónia da sua escola, a

Básica Beça Múrias, onde, por 160 euros por mês, tem idas à praia, passeios, ateliês de teatro, culinária, dança e música.

Mesmo assim, e para que os miúdos não passem tanto tempo nos ATL, pai e mãe optam por também tirar todos os dias de férias descontraídos. "Tento que tenham o máximo de dias livres com os pais, em vez dos 22 que a lei laboral permite."